Acervo ISA

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. :

DATA : 19 6 89

PG. : 11

Jornal londrino acusa empresa britânica de devastar Amazônia

João Bosco Jardim
Correspondente

LONDRES — O jornal londrino *The Sunday Times* denunciou a British Petroleum (BP), uma das maiores empresas da Grã-Bretanha, pelo desmatamento de uma área de 250 mil acres (equivalentes a 1011 quilômetros quadrados) de vegetação da Floresta Nacional de Jamari, uma unidade de conservação ecológica em Rondônia, onde a empresa extrai cassiterita, mineral usado na fabricação de estanho.

É a primeira vez que uma empresa britânica é publicamente acusada de destruir a floresta amazônica. O jornal disse que a área está rapidamente se transformando numa "cratera lunar", enquanto a BP gasta grandes somas em atividades de proteção ambiental na América do Norte e na Europa, onde a legislação e a opinião pública "não permitiriam uma destruição na escala do seu projeto de mineração na Amazônia."

Outras empresas de capital britânico, como o banco Barclays, a Shell (anglo-holandesa) e as Indústrias BAT (originalmente British American Tobacco, proprietária da Souza Cruz) foram também acusadas pelo *The Sunday Times* — o principal jornal dominical da Grã-Bretanha — de investir em projetos que implicam no aterro e na queima de milhares de hectares de floresta tropical.

O jornal disse que uma investigação das empresas britânicas que operam em florestas tropicais de todo o mundo revelou que a BP atua na Amazônia através da Companhia de Mineração Jacundá, da qual é acionista majoritária. Sua área de atuação na Floresta Nacional do Jamari foi arrendada para mineração, segundo o jornal, em 1986 — dois anos depois de ter sido declarada "área de preservação" pelo governo brasileiro.

Guardas armados — Em sua edição de ontem, *The Sunday Times* disse que a área é fortemente protegida por guardas armados que impedem a aproximação até de agentes florestais do governo. Mas o jornal alega que há duas semanas um de seus repórteres conseguiu furar o esquema de segurança com uma história falsa e verificar *in loco* a extensão da destruição. "Toda a vegetação desapareceu. Toras de castanheira (árvore protegida pela legislação brasileira) estão empilhadas sobre a terra árida, onde nem mato cresce", afirma o repórter. Ele disse que a BP nada fez até agora para reflorestar a área devastada. "É uma ironia" — conclui — "que a devastação da floresta do Jamari esteja sendo feita em nome de uma empresa que, internamente, gasta milhões de libras esterlinas proclamando a necessidade de se alcançar o equilíbrio entre a preservação e o desenvolvimento econômico".

O *The Sunday Times* disse também que na fronteira entre Pará e Mato Grosso, junto ao Rio Araguaia, o banco britânico Barclays, em associação com o Banco de Crédito Nacional, brasileiro, desenvolve extensa atividade agropecuária numa região que, desde 1960, vem sendo queimada para dar lugar a pastagens. O jornal disse que o Barclays detém 50% das ações do Banco de Investimento S.A., que há 12 anos investe dinheiro em atividades agropecuárias na Amazônia.

No Pará, a Shell, em associação com a Alcoa, de Pittsburgh, investiu, segundo o jornal, quase dois bilhões de dólares no projeto de uma empresa produtora de alumínio que destruiu 1.700 acres (6,8 quilômetros quadrados) de floresta. O *The Sunday Times* disse que a Shell extrai bauxita para a fabricação de alumínio no porto de Trombetas, onde 300 acres (1,2 quilômetros quadrados) de floresta virgem são devastados por ano.

No Espírito Santo, o jornal disse que para fabricar papel, as Indústrias BAT, acionistas da Aracruz Celulose, destruíram 148 mil acres (mais de 600 quilômetros quadrados) de floresta nos últimos 15 anos.

A reportagem foi a principal manchete e ocupou duas páginas internas da edição de ontem do *The Sunday Times*, jornal que tem tiragem de 1 milhão 200 mil exemplares.